

ANTES ERA MUDANÇA DE REGIME; AGORA QUEREM DESMEMBRAR O IRÃ

Por Eldar Mamedov*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Fantasias irresponsáveis de balcanização do país interpretam mal o nacionalismo iraniano e correm o risco de uma reação catastrófica.

O establishment da política externa de Washington tem uma tendência perigosa de desmantelar nações que considera adversárias. Agora, think tanks neoconservadores como a Fundação para a Defesa das Democracias (FDD, *Foundation for Defense of Democracies*), sediada em Washington, e seus companheiros de viagem no Parlamento Europeu estão promovendo abertamente a balcanização do Irã – uma estratégia imprudente que desestabilizaria ainda mais o Oriente Médio, desencadearia crises humanitárias catastróficas e provocaria forte resistência tanto de iranianos quanto de parceiros americanos.

Enquanto Israel e Irã trocavam farpas em meados de junho, Brenda Shaffer, da FDD, argumentava que a composição multiétnica do Irã era uma vulnerabilidade a ser explorada. Shaffer tem sido uma defensora ferrenha do Azerbaijão na grande mídia americana, mesmo tendo se omitido consistentemente de revelar seus laços com a empresa petrolífera estatal do Azerbaijão, a SOCAR. Durante anos, ela pressionou pela fragmentação étnica do Irã, semelhante ao colapso da ex-Iugoslávia. Ela concentrou grande parte desse esforço em promover a secessão do Azerbaijão iraniano, onde os azeris formam o maior grupo não persa do Irã.

As opiniões de Shaffer se alinham com um editorial recente do *Jerusalem Post* que, em meio à euforia dos ataques iniciais de Israel na guerra deste mês contra o Irã, apelou ao presidente Trump para que abraçasse abertamente o desmembramento do Irã. Especificamente, pediu uma “*coalizão no Oriente Médio para a partição do Irã*” e “*garantias de segurança para as regiões de minorias sunita, curda e balúchi dispostas a se separar*”. O mesmo veículo de comunicação solicitou publicamente que Israel e os EUA apoiem a secessão do Irã do que chama de “Azerbaijão do Sul” (ou seja, as regiões de maioria azeri no noroeste do Irã).

Enquanto isso, a porta-voz de relações exteriores de um grupo liberal centrista no Parlamento Europeu convocou uma reunião sobre o “*futuro do Irã*”, supostamente para discutir as perspectivas de uma revolta “*bem-sucedida*” contra a República Islâmica. O fato de os dois únicos falantes de iraniano serem separatistas étnicos das regiões iranianas do Azerbaijão e de Ahwaz deixou clara sua agenda. Desde que o Parlamento Europeu cortou unilateralmente todas as relações com os órgãos oficiais do Irã em 2022, o país se tornou um *playground* para diversos grupos radicais de oposição exilados, como monarquistas, o culto Mujahideen-e Khalq (MEK) e separatistas étnicos.

No entanto, o Irã não é um Estado frágil e fragmentado à beira do colapso. É uma nação de 90 milhões de habitantes com um profundo senso de identidade histórica e cultural. Embora os defensores da balcanização adorem se concentrar na diversidade étnica do Irã – azeris, curdos, balúchis, árabes –, eles subestimam consistentemente a força unificadora do nacionalismo iraniano. Como o acadêmico Shervin Malekzadeh observou recentemente no *Los Angeles Times*: “*Há um forte consenso entre os acadêmicos de que a política no Irã começa com a ideia do Irã como um povo com uma história contínua e ininterrupta, uma nação que ‘surge de um passado imemorial’. O nacionalismo fornece a ampla arena política na qual diferentes grupos e ideologias no Irã competem por poder e autoridade, sejam monarquistas, islâmicos ou de esquerda.*”

Décadas de pressão estrangeira, de sanções a guerras e operações secretas, apenas reforçaram essa coesão. A ideia de que o despertar do sentimento separatista fragmentará o Irã é uma fantasia perigosa – uma fantasia que ignora deliberadamente como os planos, arquitetados em grande parte por neoconservadores pró-Israel, saíram pela culatra no Iraque e na Síria, deixando o caos em seu rastro.

Tal estratégia também expõe a profunda ignorância de seus proponentes sobre as realidades locais. Shaffer, a defensora do irredentismo azerbaijano, chegou ao ponto de aplaudir os ataques aéreos israelenses em Tabriz, o coração cultural e econômico do Azerbaijão iraniano.

Essa abordagem não é apenas moralmente grotesca; baseia-se em uma profunda incompreensão da dinâmica interna do Irã. Shaffer e seus semelhantes esperam que a pressão externa sobre Teerã leve a uma revolta azeri (e de outras minorias) contra Teerã. Em vez disso, assim como o restante do Irã, o recente ataque de Israel desencadeou um efeito de união em torno da bandeira, porque os azerbaijanos iranianos estão profundamente integrados ao tecido nacional: os

mais altos funcionários do país – tanto o Líder Supremo, Aiatolá Ali Khamenei, quanto o Presidente Massoud Pezeshkian –, são de etnia azeri.

Há um mês, caminhei pelas ruas de Tabriz, uma cidade imersa na história e na identidade iranianas. Longe de ser um foco de secessionismo, Tabriz é um testemunho vivo da unidade duradoura do Irã. O Museu do Azerbaijão exibe com orgulho artefatos de milênios da civilização iraniana, enquanto a Casa da Constituição comemora o papel fundamental de Tabriz na Revolução Constitucional de 1906 no Irã – um movimento que moldou o nacionalismo iraniano moderno e continua a inspirar forças democráticas e a sociedade civil em todo o país.

A ideia de que Tabriz – ou qualquer grande cidade de maioria azeri no Irã – se revoltaria a mando de Washington ou Jerusalém é uma utopia. Os azerbaijanos iranianos não são uma minoria oprimida à espera de libertação; eles prosperaram no Irã. A maioria dos ativistas azeris críticos no Irã enquadra suas demandas em termos de direitos culturais, não de independência.

É verdade que as queixas locais podem ser mais pronunciadas nas regiões curdas e balúchis, particularmente nesta última – remota, pobre e sunita. Mas mesmo aqui, não há evidências de forte apoio popular à secessão. Além disso, tentar capitalizar qualquer insatisfação que possa existir colocaria os EUA em rota de colisão com seus aliados e parceiros na região.

A Turquia, um aliado fundamental da OTAN, jamais tolerará o apoio dos EUA ao separatismo curdo no Irã, dada sua própria luta de décadas com o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK). O PJAK (Partido da Vida Livre do Curdistão), afiliado ao PKK no Irã, acolheu com satisfação os ataques de Israel ao Irã.

Da mesma forma, o Paquistão, que já enfrenta a sua própria insurgência balúchi, verá a interferência ocidental no Baluchistão iraniano como uma ameaça direta à sua integridade territorial. Alienar esses aliados em busca de uma estratégia impraticável de mudança de regime constituiria negligência em política externa.

Rússia e China há muito argumentam que Washington busca desmembrar seus adversários – da Iugoslávia ao Iraque. Qualquer esforço para balcanizar o Irã validará suas suspeitas mais sombrias, intensificando a sua própria repressão doméstica contra minorias e acelerando seus esforços para construir uma coalizão antioccidental.

A Índia, um país avidamente cortejado como aliado por Washington, também rejeitaria tais políticas, pois elas prejudicariam os projetos estratégicos de comércio e logística de Nova Délhi, como o desenvolvimento do porto de Chabahar, no Irã, o ponto de entrada da Índia para o Afeganistão e a Ásia Central, sem passar pelo Paquistão.

Se Washington e seus facilitadores europeus pressionarem pela desintegração do Irã, as consequências também serão sentidas de forma aguda na Europa. Um Irã desestabilizado desencadearia uma crise migratória que ofuscaria a onda de refugiados sírios de 2015. Também poderia criar um terreno fértil para grupos

terroristas – incluindo o Estado Islâmico. Uma de suas franquias, o ISIS-Khorasan, já atua no Irã, incluindo atentados suicidas no ano passado em Kerman. Some-se a isso os inevitáveis choques energéticos se o Irã bloquear o Estreito de Ormuz, e a Europa enfrentará um desastre autoinflicted.

Os arquitetos dessa abordagem – os falcões da FDD e seus companheiros de viagem europeus e israelenses – estão brincando com fogo. Tentativas de fragmentar o Irã sairão pela culatra espetacularmente, desencadeando um caos que se espalhará muito além de suas fronteiras.

Ao invés de se entregar a fantasias de fragmentação, o Ocidente deveria buscar um engajamento pragmático. A alternativa é provavelmente outra guerra eterna – que nem os Estados Unidos nem a Europa podem se dar ao luxo de pagar.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

***Eldar Mamedov** é especialista em política externa baseado em Bruxelas e membro não residente do Quincy Institute.
